



O BARÃO, pela melhor oferta. O Estado de São Paulo, São Paulo, 28 jun. 1984.

O barão, pela melhor oferta

A Pontifícia Universidade Católica de Campinas está pedindo ao governo estadual a revisão do processo de tombamento do palácio do barão de Itapura, onde mantém seus cursos de Ciências Humanas. A universidade quer vender o prédio para pagar uma dívida de quatro milhões de dólares empregados nas obras do novo campus. Alegam seus dirigentes que do barão pouco resta no palácio. Marco da nobreza rural do II Império, a antiga residência do barão de Itapura foi realmente depredada durante anos de convivência não muito cordial com professores, alunos e funcionários, mas não a ponto de descaracterizar completamente o conjunto da obra, o frontispício, as escadarias, os adereços e a antiga cavalaria.

Já se arma em Campinas uma pequena tempestade em torno da pretensão da PUC em fazer dinheiro à custa do seu barão. Afinal, nos últimos anos, a cidade foi vendo diminuir as marcas de sua orgulhosa tradição. Primeiro, em benefício de viadutos tortuosos e do concreto aparente. Agora, no caso da PUC, para o que resta de especulação imobiliária.

Como a universidade não ostenta impunemente o título de "pontifícia", é de supor que a mitra local tenha acompanhado as negociações desse financiamento externo e de todo o projeto para construir novas instalações. Desconhecemos se a Igreja em Campinas é, eventualmente, proprietária de edifícios, terrenos ou terras. Provavelmente, não. Deve viver em pobreza franciscana. Caso contrário, poderia desfazer-se desses mesquinhos bens terrenos para ajudar a PUC a se livrar de suas dificuldades temporais.

Sem esse amparo, a universidade bate às portas do governo do Estado. A propósito, é oportuno lembrar como o advogado campineiro Manoel Ferraz de Campos Salles definia, em 1879, a índole de seus contemporâneos: "Os esforços combinados e as vontades congregadas em torno de uma idéia útil, iniciada por quem quer que fosse, produziram sempre os fins desejados. Foi deste modo que se conseguiu ver hoje, na cidade de Campinas, mais ou menos satisfeitas todas as necessidades públicas, sem que para isso fosse necessário mendigar os regateados e escassos favores da alta administração".

Ainda bem que a proteção pontifícia exorciza aparições de fantasmas. Ao menos, torçamos para isso. Senão, além do barão de Itapura, incomodado com o futuro de sua mansarda, os responsáveis pela PUC correriam o risco de ser acordados em noite trevosa pelos brados cívicos de Campos Salles.